



# Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.df@dabr.com.br

## Os rios voadores

Os cientistas já haviam detectado que as árvores da Amazônia arremessam na atmosfera uma enorme quantidade de vapor d'água. Esse vapor d'água é carregado pelo vento para até outras regiões. Eles se transformam em chuva que é essencial para viabilizar a produção agrícola. É o fenômeno chamado de "rios voadores".

Pois bem, mas faltavam estudos minuciosos para estabelecer uma relação mais direta entre os ciclos da chuva e a atividade do agronegócio. Não faltam mais.

Cientistas do Brasil e da Holanda calcularam, pela primeira vez, no ano passado, que 80% da área coberta por lavouras e pastagens no Brasil depende das chuvas produzidas pelas florestas remanescentes nas terras indígenas da Amazônia.

É isso mesmo. A notícia saiu em reportagem de Bernardo Esteves, na *Revista Piauí*, aquela que tem um nome fake, mas publica matérias muito interessantes. Sigamos com a leitura. Os cientistas estimaram a quantidade de água dos chamados "rios voadores" gerada nesses territórios e qual o trajeto percorrido ao levar umidade para o restante do continente. As chuvas geradas nessas florestas beneficiam 18 estados e o DF, incluindo trechos do Cerrado, do Pantanal e da Mata Atlântica.

Os nove estados mais bem aquinhoados produzem 57% da receita do agronegócio, informa a matéria. O Paraná, grande produtor de soja e milho, é a unidade da federação mais beneficiada pelas chuvas formadas nos territórios indígenas da Amazônia, com 25%. Em seguida, vem o Acre e o Mato Grosso do Sul, com 20%. É interessante notar que, em algumas áreas desses estados, chega a um terço as chuvas vindas pelos rios voadores das matas indígenas. Os resultados da pesquisa foram publicados em nota técnica assinada por 10 pesquisadores.

É ou seria óbvio que o agronegócio deveria ser o primeiro a defender a preservação das matas, pois depende, em larga escala, de um ciclo regular de chuvas para desenvolver as suas atividades. Segundo dados levantados

pela Confederação Nacional dos Municípios, os prejuízos com as mudanças climáticas alcançaram a cifra de 6,7 bilhões em 2024.

Ouvido pela reportagem de Bernardo Esteves, o hidrólogo Caio Mattos, um dos autores do estudo, enfatizou que a pesquisa mostra que o setor agropecuário depende da conservação, do cuidado e do manejo que as populações tradicionais dão à floresta: "A conservação desses territórios não é pauta apenas dos povos indígenas, mas da sociedade e da economia brasileira", argumenta o pesquisador.

Entre 2013 e 2017, o déficit hídrico chegou a 37%, segundo a Agência Nacional de Águas e Saneamento e o IBGE. "O aumento do desmatamento pode ser catastrófico para a segurança alimentar e econômica

do país", alerta Caio Mattos na matéria. Todos esses números deveriam ser suficientes para que o setor do agronegócio lidasse um movimento de preservação e de respeito aos territórios indígenas.

No entanto, ocorre precisamente o contrário. Os ruralistas ameaçam, constantemente, as terras que garantem a geração de chuva para as suas atividades. Inventaram a tese do Marco Temporal para burlar os direitos concedidos pela Constituição. Não dá para entender qual é a estratégia, uma vez que os maiores prejudicados serão os que se dedicam à atividade agrícola. O Congresso Nacional precisa acordar para essa grave questão que afetará a todos. Não adianta nada a Conferência do Clima se cada um não faz a sua parte.

## CONSCIÊNCIA NEGRA

Fotos: Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Evento educativo no CCBB marca o mês da Consicência Negra

» CARLOS SILVA

Novembro chega em Brasília tingido pelas cores, sons e saberes das matrizes africanas e afro-brasileiras. Entre as milhares de ações espalhadas pela capital para celebrar as tradições, uma que se destaca é o Rolê Cultural — Educativo CCB, realizado pelo Centro Cultural Banco do Brasil. A programação do mês da Consciência Negra é costurada como um grande tapete de vivências, onde a arte se apresenta como um ponto de encontro, uma forma de preservar a memória e uma semente para um futuro compartilhado.

A proposta é um convite para o público de todas as idades mergulhar em uma jornada que vai da oralidade quilombola à delicadeza das canções ancestrais de África à pura alegria do brincar. Coordenador pedagógico do Rolê Cultural, Auber Bettinelli explica que a escolha por uma programação voltada à Consciência Negra neste mês foi um processo natural dentro da instituição.

"Como o CCB é um lugar de cultura, muito conhecido na cidade e que traz esse programa educativo com muitas ações, foi natural que elegêssemos algumas delas com esse tema, para dar mais visibilidade e aproveitar o diálogo que o mês de novembro oferece", conta. Segundo ele,

a proposta é tratar de temas ligados às matrizes africanas e afro-brasileiras "de um jeito lúdico, leve, que envolva pais, crianças e famílias".

O espaço educativo, onde acontecem as atividades, é dividido em três áreas principais: um ambiente de leitura com livros voltados especialmente para o público infantil; uma seção de jogos relacionados à arte e à percepção visual; e a sala de oficinas, onde ocorrem as atividades práticas nos fins de semana, com linguagens diversas e para diferentes idades.

Para o coordenador, o conceito de "arte como encontro, memória e futuro compartilhado" se concretiza

justamente nas experiências propostas ao público. "Nosso trabalho é fazer com que as pessoas se sintam à vontade com linguagens com as quais às vezes não têm tanto contato. As ações são sempre pensadas dentro dessa lógica do encontro com a arte, de produzir experiências", explica.

### História coletiva

Supervisora do Rolê Cultural, Isabela Formiga trabalha com arte e educação há mais de 10 anos e participa da equipe responsável pelas ações educativas do CCB Brasília desde junho deste ano. Entre as vivências coordenadas por Isabela está o "Jogo das Heroínas Negras", criado especialmente para o mês da Consciência Negra.

A proposta utiliza cartas coloridas com elementos como orixás, palavras de origem africana e figuras históricas, entre elas Luísa Mahin, Maria Felipa e Teresa de Benguela. "A jogabilidade é parecida com um dominó: as cartas se encaixam pelas cores e, a partir dos personagens e símbolos, os participantes criam uma história coletiva. É um jogo cooperativo, em que todos ajudam a construir a narrativa", explica.

A oficina é voltada principalmente para estudantes do ensino fundamental II, mas atrai públicos diversos. Para a educadora, a atividade

cumprir um papel importante no debate sobre representatividade e respeito às religiões de matriz africana. Ela destaca também o impacto simbólico da iniciativa: "É uma maneira de dar visibilidade aos artistas negros, de mostrar às crianças e jovens que a cultura afro-brasileira faz parte do nosso vocabulário, das nossas práticas e da nossa história. É sobre valorizar e integrar essas referências no nosso cotidiano".

### Percepção ampliada

Durante uma dessas visitas, a arte educadora e mediadora cultural do Rolê Cultural Fabiane Souza acompanhava um grupo de estudantes da Universidade de Brasília, entre eles Samuel Omar, Luan Souza Coelho e Emanuel Parreira, alunos do curso de biblioteconomia. Eles participaram de uma oficina inspirada na exposição *A Fincapé – Histórias da Terra*, do artista Antônio Obá. "A ideia é que os participantes criem desenhos com carvão a partir da imagem de um pé de árvore do Cerrado, pensando na relação entre corpo e natureza", explica Fabiana.

Para Samuel, a atividade foi uma oportunidade de aprendizado fora da sala de aula. "É um espaço que amplia nossa percepção sobre a cultura brasileira", diz. Luan destaca a importância de experiências que valorizam



Isabela Formiga trabalha há 10 anos com arte e educação



Visitante pode interagir com painel em um dos espaços



Fabiana Souza, com Samuel Omar, Luan Coelho e Emanuel Pereira

produções nacionais. "Muitas vezes, a gente olha muito para culturas estrangeiras e esquece da riqueza do Brasil. Acho importante conhecer artistas que falam das nossas origens, da nossa história", afirma.

O grupo também comentou as impressões sobre a obra de Antônio Obá, artista de Ceilândia que trata de temas ligados ao corpo, à espiritualidade e ao Cerrado. Emanuel admite ter ficado intrigado com a forma como o artista retrata o corpo humano. "Causa um certo desconforto, mas é interessante ver como ele desmonta e reorganiza o corpo de um jeito que foge do padrão", observa.

Os estudantes saíram da visita com a sensação de que a experiência vai além da apreciação estética. "Cada pessoa vai tirar algo diferente daqui — pode ser o encantamento, o desconforto, a curiosidade. É uma vivência individual e muito rica", diz Luan.



Programação ocorre de **terça a domingo**, de 9h às 20h30. Confira!



Em jogo cooperativo, presentes cocriam uma narrativa